

Manuel da Fonseca

Manuel da Fonseca



Manuel da Fonseca (Manuel Lopes Fonseca) foi um escritor – romancista, contista, cronista e poeta – nascido em Santiago do Cacém em 15 de Outubro de 1911 e falecido em Lisboa em 11 de Março de 1993.

Em 1923 vai viver com a família para Lisboa, onde faz os estudos secundários no colégio Vasco da Gama, Liceu Camões – onde é colega de Álvaro Cunhal –, Escola Lusitânia e, mais tarde, na escola de Belas Artes.

Dedica-se desde cedo ao jornalismo tendo, contudo, ao longo da vida, desenvolvido atividade profissional em diferentes sectores: comércio, indústria, revistas, agências publicitárias.

Em Lisboa frequenta tertúlias literárias, onde conhece e convive com escritores como José Cardoso Pires, Mário Dionísio, José Gomes Ferreira, Rodrigues Miguéis e outros. Dedicava-se também a outras atividades, como o futebol, esgrima e boxe, onde chega a vencer um campeonato nacional.

Em 1945 adere ao MUD-Movimento de Unidade Democrática, integrando em 1947 a Comissão Distrital de Lisboa; em 1949 apoia a candidatura de Norton de Matos à Presidência da República e em 1958 a candidatura de Arlindo Vicente e depois de Humberto Delgado. Em 1965 é preso pela PIDE. Manuel da Fonseca é membro do PCP-Partido Comunista Português.

Colabora em revistas como *Afinidades*, *Árvore*, *Vértice*, *O Pensamento*, *Sol Nascente* e *Seara Nova* e em jornais como *O Diabo*, *O Diário* e *A Capital*.

Das suas obras destacam-se na poesia *Rosa dos Ventos* (1940), *Planície* (1941), *Poemas Dispersos* (1958), *Poemas Completos* (1958), nos contos *Aldeia Nova* (1942), *O Fogo e as Cinzas* (1953), *Um Anjo no Trapézio* (1968), *Tempo de Solidão* (1973), *Crónicas Algarvias* (1986) e no romance *Cerromaior* (1943) e *Seara de Vento* (1958).

O romance *Cerromaior* é adaptado para cinema por Luís Filipe Rocha em 1981, filme que é distinguido com o grande prémio do festival da Figueira da Foz, o Cólón de Oro do Festival Internacional Ibero-Americano de Huelva e outras distinções. *Seara do Vento* é adaptado em

Manuel da Fonseca

1975 para televisão. Em 2006 João Botelho realiza *Avé Maria*, com base num argumento de Manuel da Fonseca.

Fez parte do grupo neorrealista *Novo Cancioneiro* e foi presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores. A sua obra é considerada um dos expoentes máximos do neorrealismo literário português. São particularmente relevantes figuras marginais como o vagabundo ou o maltês.

Em 1983 Manuel da Fonseca é distinguido com o grau de comendador da Ordem de Sant'iago da Espada. Santiago do Cacém homenageia Manuel da Fonseca atribuindo à escola secundária o seu nome – Escola Secundária Manuel da Fonseca. Também Castro Verde faz de Manuel da Fonseca o patrono da sua biblioteca municipal – Biblioteca Municipal Manuel da Fonseca.

Referências

FONSECA, Manuel – Poemas Completos. Lisboa: Portugalíia, Editora. 3.ª edição. Janeiro de 1969.

Manuel da Fonseca A Última Entrevista – EXPRESSO, Sábado, 20 de Março de 1993.

Os Meus Sonhos Realizei-os Sonhando – Jornal O PONTO, 22 de Outubro de 1981.

Manuel da Fonseca. Wikipédia - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_da_Fonseca_\(escritor\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_da_Fonseca_(escritor)). Consulta em 2014-02-16.

Manuel da Fonseca. Infopédia - [http://www.infopedia.pt/\\$manuel-da-fonseca](http://www.infopedia.pt/$manuel-da-fonseca). Consulta em 2014-02-16.

Sítio da Escola Secundária Manuel da Fonseca, em Santiago do Cacém, na Internet - <http://www.aesc.edu.pt/web/manuel.htm> . Consulta em 2014-02-16.

Manuel da Fonseca – http://www.truca.pt/ouro/biografias1/manuel_fonseca.html . Consulta em 2014-02-16.

Manuel Lopes da Fonseca - http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/desenho/alvaro_cunhal/fonseca.html . Consulta em 2014-02-16.

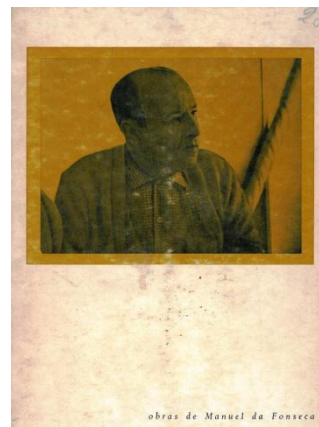
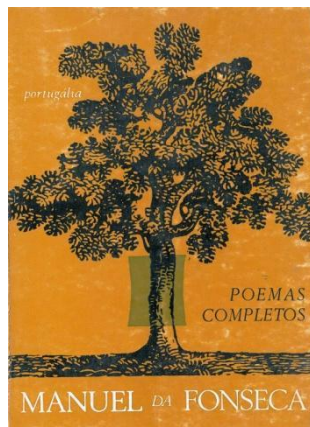
Manuel da Fonseca. João Machado - <http://www.vidaslusofonas.pt/manuefonseca.htm>. Consulta em 2014-02-16.

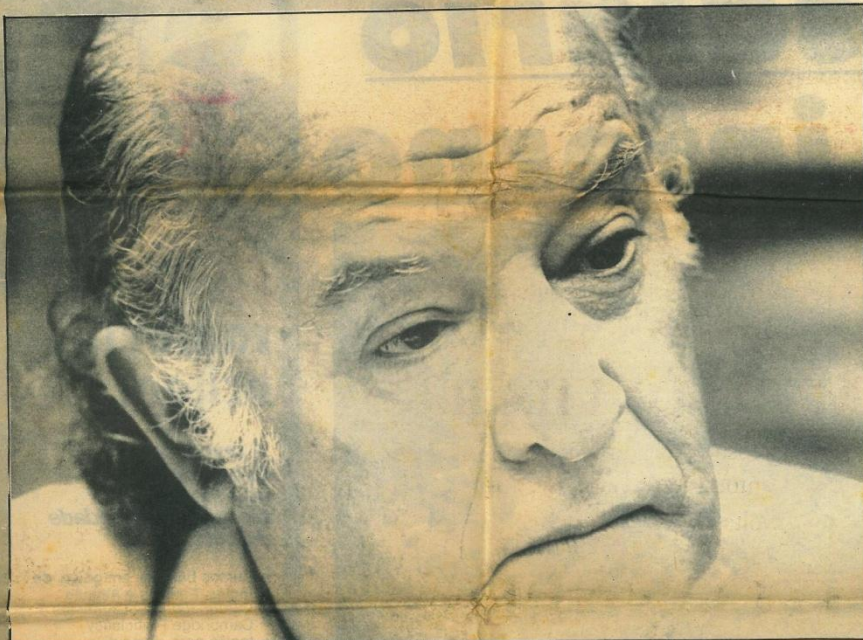
SOL DO MENDIGO

Olhai o vagabundo que nada tem
e leva o sol na algibeira!
Quando a noite vem
pendura o sol na beira dum valado
e dorme toda a noite à soalheira...
Pela manhã acorda tonto de luz.
Vai ao povoado
e grita:
— Quem me roubou o sol que vai tão alto?
E uns senhores muito sérios
rosnam:
— Que grande bebedeira!

E só à noite se cala o pobre.
Atira-se para o lado,
dorme, dorme...

In:





«Devemos ser sóbrios para falar do homem». Diz-me isto após uma conversa alastrada por três horas. Diz-me isto observando-me com os olhos miudinhos, vivos, este homem que sempre recusou entrar nos domínios da profecia pela simples circunstância de não acreditar nas contingências. Como poucos narradores portugueses, ele jamais procurou infundir uma qualidade mítica (que inexistia na vida real) a toda a paisagem oculta de emoções e preocupações comuns aos homens e mulheres sobre os quais tem escrito. Mas ele também sabe (e também como poucos) que as coisas, os factos, os episódios que não são estranhos, são falsos. Lênine disse: «Só a verdade é revolucionária». Robert Desnos escreveu: «Nada é revolucionário, excepto a franqueza». Creio ser nestas coordenadas que a arte de Manuel da Fonseca existe, se manifesta e se desenvolve. Parece um velho contador de histórias do Oriente, provindo de um conto das Mil e uma Noites, que estende um bellissimo tapete persa, nele se acomoda para falar, e fala de sentimentos imponderáveis, de mistérios feitos da greca humana, de sonhos concebidos em instantes esplendorosos, de mulheres idealizadas na poalha de dias imemoriais. Tudo é verdade, tudo é franco, tudo é estranho, quando Manuel da Fonseca se amsenda à escrita ou quando decide, durante horas e horas a fio, contar-nos, com voz suave, tema, irónica, zombeteira, inesperadas histórias. E nessa verdade, nessa franqueza, nessa estranheza — tudo é falso, fingido, mágico. O irreal que se requer, para se assumir e bastar como real autêntico. Durante vite e cinco anos de amizade convivente, temos viajado numerosas viagens, temos bebido numerosas aventuras, temo-nos aventurado por imensas bebidas. Temo-nos tido numa fraternidade que recusa qualquer instituição como elemento catalizador. E temo-nos rido à brava com alguns traquinas da comarca litoral, exactamente pelo facto de enjertarem a desobediência e cultivarem o despelto a inveja como quem cultiva rosas cirróticas.

● BAPTISTA-BASTOS

— Que é ter 70 anos?
— Sou levado a responder de acordo com a pergunta, e eu não queria.
Acontece que não tenho 70 anos de calendário, tenho muito mais. Será que tenho mais força, mais franqueza? Será que os 70 anos dão mais sabedoria? Será que obrigam a um maior amor sobre a vida e a um maior amor por ela? Creio que esta última quase que síntese será o eu ter feito 70 anos.
— Mas vamos lá a ver: será que realizaste todos os teus sonhos?
— Os meus sonhos realizei-os sonhando-os.
— Que significado tem para ti a palavra desobediência?
— É a maior realização do homem, desde sempre. Toda a sociedade é, por definição, métodos e ensino, conservadora. Desobedecer é ser poeta. E ser poeta, num certo sentido rigoroso, é ser adivinho, isto é: sem respeito nenhum pelo que está.
— Heine disse: «Um livro exige o seu tempo, tal como uma criança. Qualquer obra escrita rapidamente, nalgumas semanas, desperta em mim certa desconfiança, em relação ao autor». Comenta.
— Heine é um homem que esteve num tempo, por isso um mestre. Querá ele dizer, com isso, que um livro tem de ser sempre um homem e os homens desse tempo. Logo, terá um tempo de maturidade, de lucidez, isto é: de incerteza, de sonho e de coragem.
— Neo-realismo, hoje, que é?
— Neo-realismo, hoje, é a contestação, mais fácil, daqueles que nada ainda são. Nenhum vendedor de angústias, matéria sempre comprada pela burguesia, pode aturar o drama que dele se relacione com o resto dos indivíduos que o cercam. Esta posição é, sempre, dramaticamente incerta, pois que nela reside a mais bela condição do homem: a sua aventura no mundo.
— Qual o poder da literatura?
— Sabido que a sociedade é, por definição conservadora, literatura é, por definição, aquilo que a abarca e a ultrapassa.
— A literatura, como o jornalismo, pode assumir-se como um contrapoder?
— Jornalismo é, imediatamente, a primeira linha da luta pelas conquistas dos homens. Dai o jornalismo ser um dos mais belos camaradas do escritor. E, portanto, a coragem de, hora a hora, dia a dia, ano a ano, arrastar com aqueles que, pelo poder económico e pelas morais ultrapassadas, negam as naturais estradas dos homens. Portanto, é, como a literatura, um contrapoder: ambos se completam nesse principio e com esse objectivo.
— Chegará o dia em que o aluno ensinará o mestre... Disse Marx. Achas que já chegou esse dia?
— Creio que, quando Marx afirmou isso, ele sabia que o dia já tinha chegado.
— Acreditas na derrota do capitalismo?
— A pergunta parece demandar uma espera. Ora, nós sabemos que o capitalismo já foi derrotado. Sofremos, apenas, a histeria da sua agonia.
— E na inevitabilidade da terceira guerra mundial?
— Aqui põe-se um problema de veras dramático. A inteligência dos homens será evitá-lo. Se possível.

● ponto

ACONTECE QUE MAL DE FANATISMO, SÓ HISTÓRICOS E A COISAS, É PORQUE VAI E ESQUECIDO POR SÓ QUE MAL FAZ LÁ IS ESTE MEU VELHO C SUPERIOR DE EST

Os m
re
sol

— Sabes que, nos Estados Unidos e em outros países da NATO, trabalham, actualmente, em projectos militares, mais de 400 mil cientistas, engenheiros e outros especialistas?
— Não sabia; ou, por outra, tinha de saber que assim era. Nenhuma ordem imposta durante séculos, criadora de usos e costumes, poderia desaparecer sem lutar com o máximo das suas potencialidades, que são: a ciência revolucionária que os homens conquistam contra essa ordem; e que ela, sociedade, conservadora, que as condenou, que meteu na prisão, que queimou na praça pública os homens que a descobriam, acaba por dela se apoderar a fim de fazer a contra-revolução.
— Sabes, também, que a redução, para metade, das forças armadas e dos armamentos, só na Europa Central, libertaria meios para a construção de modernos hospitais, em que poderiam ser assistidos cerca de 800 mil doentes?
— É natural. Aquelles que se afadgam, noite e dia, para construir máquinas de matar o seu semelhante, não podem, naturalmente e por definição, construir hospitais para curar os doentes que há na vida.
— Viver num mundo assim não te perturba, com 70 anos?
— Decerto que me perturba, como se eu tivesse 19 anos. Vivo essa contradição, essa dialéctica tomada de posição, como se jovem fosse.
— Bom: vamos lá dar outra volta à conversa. Que te diz o nome de João Gaspar Simões?
— É um homem que foi necessário à literatura portuguesa, no tempo em que era mais actante e lucido. Anunciou e sistematizou tudo o que, em cada instante, as literaturas de todos os países têm de entrecoque. Dal, o extraordinário panorama que, através dele, podemos ter, quando olhamos para a literatura portuguesa dos nossos dias. Erradamente, João Gaspar Simões nos quer dar a entender que, lê-lo, seria concluir tudo, por uma estrada que os seus escritos apontam.
— E o de Prouença de Carvalho?
— É um pequeno inimigo das coisas grandes da inteligência.
— Já que estamos em matéria de nomes, vamos lá a saber o que pensas de Álvaro Cunhal, Mário Soares, Freitas do Amaral e Francisco Balsemão?

Entrevista

22 de Outubro de 1981



MANUEL DA FONSECA FEZ (NÃO COMPLETOU: FEZ) 70 ANOS NA ÚLTIMA QUINTA-FEIRA. ESTE HOMEM QUE, EM TERMOS SÓ DRÉ NO FANATISMO PELA LIBERDADE, RECUSA-SE A SER INTIMIDADO POR ALGUNS MONSTRUOSOS MALGROS CORRER NA VAGA DAS MODAS. EIS PORQUE TEM CUMPRIDO UM ITINERÁRIO CULTURAL A VÁRIOS TÍTULOS EXEMPLAR. I EM QUATRO GERAÇÕES QUE QUATRO GERAÇÕES O LÊEM, RELÊEM, AMAM E DISCUTEM. FREQUENTEMENTE I SANTÕES DE VAZA PARDA. FREQUENTEMENTE OBJECTO E ALVO DE MAL CURTIDAS INVEJAS E DESPEITOS SACRIPANTAS. ISSO? MANUEL DA FONSECA CAMINHA E ANDA; NÃO FAZ QUE ANDA: CAMINHA. EXACTAMENTE PELO FACTO DE, PARA O COMPANHEIRO INCONFORMADO, A LITERATURA NÃO SER UM EXCÊNTRICO BRINQUEDO, MAS SIM UMA FORMA STAR COM OS OUTROS, COM TODOS. VÃO GOSTAR DE O OUVIR. ENTÃO, OUÇAM-NO.

meis sonhos realizáveis mandando-os

- Cunhal: a estrada dos homens. Soares: a estrada errada de quem queria caminhar certo. Freitas: são buracos a fingir que alguma vez foram estrada. Balasimão: com ele não há sequer hipótese de pensar em qualquer estrada.

- Um conceito de liberdade?

- É luta plena pelo nosso semelhante, pelo homem. Assumida plenamente.

- Um exemplo de repressão?

- Evitar que se saiba aquilo de que todos fazem como uma verdade adquirida.

- A tua sociedade ideal?

- Não tenho uma ideia definida sobre ela. Mas sei que é aquilo pelo qual o homem lutará sempre: a única forma de a alcançar em cada instante.

- De que forma te bateste contra o fascismo?

- Primeiramente, como povo deste povo, usando, em particular, de uma força que sempre senti e me ultrapassou - a arte. E, por isso mesmo, lutando, com o livro, no jornal, e, como homem, na rua, junto dos meus companheiros.

- O pensamento que se te impõe com mais frequência?

- É o de que estou vivo. E, como natural consequência desta conclusão, é o de que estou a lutar por aquilo que sei ser uma boa luta.

- Vives em Beja. Porque não resides em Lisboa?

- Um homem que escreve, no nosso país, é aquele que, pelo seu trabalho, base de um trabalho social de que ele é operário, ganha (como acontece nos países capitalistas) a mais baixa menos-valia: 10 por cento em cada cam de dinheiro conquistados pelo seu trabalho. Vivo em Beja porque não tenho dinheiro para ter um telhado em Lisboa. Melhor: nem sequer em Beja vivo. Vivo fora de Beja, numa espécie de bairro da lata em cimento armado. Facto este que renova em mim as forças que esclarecem um conhecimento: um lar é a base da cidadania.

- Amar, que é?

- É a renovação do homem, a cada tempo da sua vida. O amor é como os frutos da terra: nenhum ser pode promiscuar uma maçã.

- A tua lembrança mais remota?

- Como os sábios dizem, é eu não saber qual ela foi. Lembro-me, agora, do portal da minha porta, que dava para o largo: jornal do mundo lá do meu sítio.

- Cinco palavras de que gostas e cinco de que não gostas?

- Gosto: amor, comer, convívio, lutar; e a quinta: lutar. Não gosto: espelho, torre, galochas, silêncio, solidão.

- Dos países que até hoje visitaste, qual o que mais te fascinou?

- Angola. Encontrei ali um grande drama: os homens lutam por adquirir vida de homens - nível este que já devia ser a vida no nosso tempo. Essa luta chega a um velho camarada poeta, falo de António Jacinto, ministro da Cultura, que, apesar disso, teve de voar para o Inverno de Moscovo, em missão governamental, sem dispor de um abafio. Mas a falta era suposta - pois tratava-se de um homem que ia, contra todos os Invernos, ao encontro de outros homens.

- Para ti que foi o 25 de Abril?

- O belo recomeço da constante luta contra a tradicional propensão inculca. Desde sempre.

- E o 25 de Novembro?

- O natural passo atrás.

- Que te diz o nome de Mário Dionísio?

- É o camarada que olha, com lucidez, para a estrada.

- Droga, alcoolismo, homossexualismo. Que são?

- Consequências naturais do capitalismo agonizante. São os maldadores do sonho dos adolescentes e daqueles que, desde sempre, hesitaram na estrada.

- Poetas e prosadores portugueses vivos de que mais gostas?

- Falar dos vivos é quase que falar, em absoluto, do nosso combate. Pois que um homem só não vale nada. Mas, entretanto, posso falar de um vivo, de um grande capitão do meu tempo e que irá para além desse tempo: Carlos de Oliveira. Que ou e outros seguimos.

- «Viver sempre também cansa». Disse o Zé Gomes Ferreira. Que pensas?

- Que esse jovem me desculpe, mas ele queria dizer exactamente o contrário: a única coisa que cansa a um vivo é ter de morrer. Morrer, na altura, é que cansa.

- Se eu chegasse aos 70, ó Manuel, gostava de ter essa tua sabedoria.

- Sabedoria é a gente estar a morrer a cada momento. Não é chegar aos 70.

- Canção política, canção de intervenção. Como é?

- Posso dizer que, no nosso tempo, assistimos a um reapar-

cimento do velho trovador: aquele que levava a notícia da cidade a todo o mundo. Eis a política da intervenção.

- A tua opinião sobre terrorismo e acção directa?

- São formas momentâneas e desesperadas de se querer impor uma verdade.

- Comemoram-se, este ano, os teus 40 anos (que, afinal, são 41) de vida literária. Que é isso de te serem homenageado em diversos pontos do País? Não cheira um pouco a academia, a bafio?

- Como não houve elogio, mas convívio, todos me salvaram de eu ser acadêmico ou bafio. Tratou-se, sempre, de encontros de companheiros da mesma estrada. Nem sequer lembrámos os mortos - porque estamos todos vivos.

- Que te diz o título deste livro, «Conta Corrente», e o nome do seu autor, Vergílio Ferreira?

- O título é um triste acudir de remorsos. Vergílio Ferreira é um ensaísta que pretende fazer romances e um romancista que pretende fazer ensaios. Quanto à «Conta Corrente», os perfis de contabilidade terão muito que falar.

- Para acreditar, precisas de crer em Deus?

- Quanto a mim tem de ser exactamente o contrário. Já há demasiado tempo que certas entidades obrigam os homens a acreditar na mentira.

- Fátima. Que te diz o nome?

- Distrai os homens dos seus dramas. É a ida, para Roma, do pequeno pecúlio de um povo, para servir de combate contra esse mesmo povo.

- E o do Bispo do Porto?

- A incerteza na procura de caminhos do catolicismo no nosso país, negando sempre, em cada dia, aquilo que, no dia anterior, afirmou.

- Para construir é sempre necessário destruir?

- A palavra destruir é, já em si, o princípio da construção.

- Anarquismo, que significado tem para ti?

- É o medo de passar do pensamento à camaradagem.

- E violência?

- É sempre um absurdo. Mas tanta vez é a única saída que a prepotência consente ao homem. Dizem os velhos, os sabedores, que o homem nunca deve cair na violência. Mas a cultura do capitalismo está a fomentar a violência.

- Reforma Agrária, que é?

- Uma forma moral de vida. Produzir a comida dos homens é



um acto de homens livres. O latifúndio é uma forma económica senil do Império Romano. O homem já não pode ser máquina dos homens. A Reforma Agrária é o acabar de um crime contra o homem.

- Como vai a Reforma Agrária no Alentejo, quanto a ti, que vives lá?

- Luta contra a renovação do crime. A Reforma Agrária deu trabalho a todos os alentejanos. Aconteceu, até, que os que haviam emigrado, voltaram ao Alentejo, para, enfim, voltarem a trabalhar na terra onde tinham nascido. Com a entrega, aos latifundiários, de grandes extensões agrícolas, estes, como sempre, exercendo o absentismo, impuseram, como sempre, ao Alentejo, o tradicional desemprego, e, com o desemprego, a fome. Poderá chamar-

se homens àqueles que reduzem à fome o seu semelhante?

- De que vives? De quanto precisas para viver? De quanto ganhas por mês?

- Vivo de escrever. Precitaria, sempre, mais do que ganho. O que ganho é o que há para comprar o mínimo. Quanta vez entre uns sapatos, uma camisa, oplamos por um livro...

- Qual é a situação social do escritor?

- O escritor português não tem possibilidade social de viver. Eu tenho 70 anos e não tenho direito à medicina, a férias, a casa, a reforma - nem, sequer, às mínimas regalias que a sociedade do meu país consente a qualquer outro trabalhador. E, no entanto, sou um trabalhador no meu país!

- Vasco Gonçalves. Que te diz este nome?

- Eu ia a dizer uma frase... não sei... Eu ia dizer... a pureza do sábio adolescente; aquele que sabe por nosso intermédio. O caminhar do nosso caminho.

- Olhar para o mundo, que é?

- É aprender a amá-lo. E tanto mais que, sem espécie alguma de saudade, ele já não é a nossa casa.

- A ideia da morte perturbate, assusta-te?

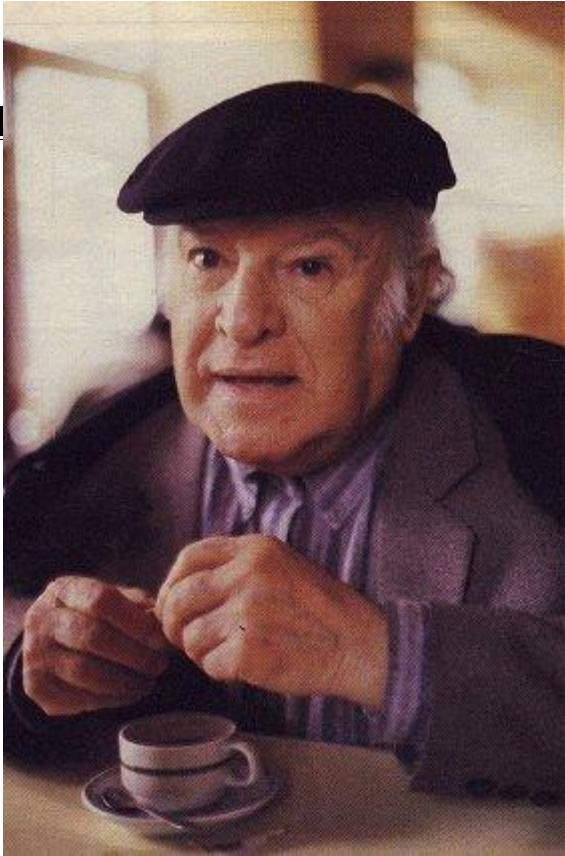
- A morte é uma forma de cultura do homem. Só não morre definitivamente quem pensa que morre a cada instante. A morte física tem de ser, inexoravelmente, definitiva. Mas o mundo espera por nós.

- Lênine. Para ti, quem é?

- Ele é uma idade do mundo: antes e depois de.

- Um lema para o futuro?

- Querer e sonhar.



3 – a última entrevista

Foto de António Ferreira

Nuno Lopes

*"Escrevo porque sou do
contra"*

Ao princípio da madrugada do passado dia 11 de Março falecia Manuel da Fonseca. Contava 81 anos de idade e mais de meio século de actividade literária. Esta é provavelmente a sua última entrevista, dada no seu paradeiro habitual, o *Café Expresso*, ao largo da Misericórdia, em Lisboa - primeira de uma série, integrava-se num projecto que procuraria traçar o perfil não só do escritor como do cidadão.

Manuel da Fonseca nasceu em Santiago do Cacém e começou por escrever no jornal local: «Há sempre aquela 'gavetazinha' que um rapaz tem na escrevaninha e que sem o saber vai lá uma pessoa de família, uma tia... e foi assim que começaram a aparecer os meus primeiros escritos em alguns jornais. Eu escrevo, não desde 38, mas logo no início de 30, as pessoas é que não sabem e não me cabe informá-las.»

EXPRESSO - O Manuel da Fonseca é considerado um precursor do neo-realismo em Portugal. Há um tempo atrás afirmou que não era tanto assim, neo-realismo era uma palavra que nem lhe passava pela ideia...

MANUEL DA FONSECA - E assim é! Sinto-me mal em relação a isso. Eu nem sequer disse que era neo-realista. Foram os críticos que acharam que eu era neo-realista, eu não disse nada. No fundo, era um indivíduo que lá tinha a minha ideia sobre o que seria - isso era antes uma palavra para defesa da vida e à defesa da Censura. Foi uma palavra que o Joaquim Namorado arranjou para fugir à Censura.

EXP. - Se tivesse de lhe dar um nome, qual seria?

M.F. - Talvez dissesse antes uma literatura de realismo dialéctico, mas não sei.

HERBERTO HELDER - (intervindo da mesa ao lado, que o *Café Expresso* é tertúlia dos clientes de sempre) Um realismo lírico...

M.F. - Lírica é toda a nossa literatura, até a mais dramática. A gente começa a escrever porque são aquelas coisas que acontecem perante o ambiente em que nós nascemos. Quando nascemos somos contra, é próprio de quem nasce estar contra os que cá estão. Toda a arte está contra. Escrevo porque estou contra!

Comecei a escrever porque de tudo o que já experimentara era o que melhor fazia. Escrevi em vários jornais - ganhava bem, cerca de 400\$00 por crónica, e escrevia duas por semana. E certo que no República ganhava menos, mas eles também tinham dificuldades e não era só isso que contava. Acho que o escritor deve ser um profissional e como tal viver da economia própria do produto que faz, e isso, é claro, também obriga a determinadas coisas...

EXP. - Como por exemplo?

M.F. - A publicidade, as entrevistas, os comentários...

EXP. - Isso não será fazer parte de uma engrenagem em que tempos atrás se recusava a participar?

M.F. - E não participo. Eu não sei de nada. Isso é com o editor, ele é que sabe. Os meus livros por exemplo, continuam a vender. Não se diz nada, não se faz publicidade, mas eles vendem!

EXP. - E quanto a uns livros que estão prometidos?

M.F. - Se começo a escrever, nunca mais paro. E dia e noite e não tenho sossego. Por isso estou parado. Também não preciso. Arrumei uns papéis e logo se verá. De facto, tenho um que começaria com o fim da 1 Guerra Mundial e depois viria até ao 25 de Abril. Seriam três volumes, mas não sei... E depois, é como lhe digo, não ando tão necessitado como isso. Talvez noutro tempo.

EXP.- Trata-se de um romance Histórico?

M.F.- O romance histórico é um romance menor; é uma pequena história, e esta é própria do indivíduo e não do todo. Não é criação.

EXP. - E o sucesso do Memorial do Convento?

M.F. - Tem uma coisa rara que era muito comum no século XIX e que o Saramago faz muito bem, a ironia. Mas não deixa de ser uma pequena história.

EXP. - Então a literatura deve apenas reflectir o presente?

M.F. - Claro está! Não há futurismos na literatura. O único homem que falou de futuro, e no sentido técnico, é o Júlio Verne. De resto, não há futuro, o presente já é futuro.

EXP. - Veio para Lisboa muito cedo. Como vê a evolução da cidade?

M.F. - Lisboa é muito bonita e eu gosto muito: é uma aldeia. Veja por exemplo a Estefânia. Aquele bairrozinho para onde vim morar quando vim do Alentejo está agora irreconhecível..; e ainda bem. Lisboa está diferente e para melhor, mas ainda continua a ser aquela Lisboa que me levou a gostar ainda mais do Alentejo, do meu Alentejo. Tudo é ao contrário desse Alentejo, e por isso eu aprendi a gostar ainda mais dele. As pessoas zaragatam, fazem-nos ma cara, mas são encantadoras. Lá fora, há tanta gente nas ruas, e não acontece nada. Aqui basta darmos dois passos para encontrarmos uma discussão, uma exaltação, mas isso é vida, é cor.

EXP. - É fado...?

M.F. - Gosto de tudo que vem do povo. Pode ter nascido nas vielas ou até ter raízes africanas, não se sabe, mas é do povo e eu gosto. Temos aquela Amália que é um caso sério, uma grande senhora. E tínhamos o Alfredo Marceneiro. Cheguei a ser amigo do Marceneiro, fomos presos juntos e estive muitas vezes na sua casa.

EXP...

M.F. - Havia ali na Rua Morais Soares um café de camareiras, a Rosa Branca: umas pequenas que faziam uns brindes e depois nós comprávamos. Conversava-se e ouvia-se o fado. As duas por três, houve lá qualquer coisita entre dois pretendentes e uma camareira e, zás pás trás, pancadaria geral - eu fiquei na mesma cela que o Alfredo. Passei a ir com ele aos fados. Certa vez fomos ouvir a Amália ali para o Bairro Alto, ia também connosco o Carlos de Oliveira, e o Alfredo puxou de debaixo da mesa um álbum onde guardava crónicas minhas... Outra vez, também nos fados, vimos um homem já velhote, baixinho, assim como que apagado, não se fazendo anunciar, e de repente o povo apercebe-se da sua presença, levanta-se e aplaude-o. Era o Teixeira de Pascoaes!

EXP. - O fado foi também uma forma de aproximar o povo dos considerados grandes poetas...

M.F. - Então não foi? Teve um papel muito importante. A Amália, e depois outros. Veja por exemplo esse grande rapaz, o Ary, o Ary dos Santos, as coisas bonitas que fez. E o Carlos do Carmo? E um rapaz que também fez isso, aquelas voltas, é magnífico!

EXP. - A memória é uma constante no que diz.

M.F. - No viver, sim. Está ali o Herberto Helder que é um dos grandes poetas, e meu amigo. Aqui estamos todos reunidos, bebemos qualquer coisa, e conversamos como iguais, não há cá essas coisas de «eu sou mais importante que tu portanto cala-te».

EXP. - Definiria assim o seu estilo de viver...

M.F. - Não tenho a noção do tempo. Quero é estar à volta de uma mesa com uns amigos. Uma vida simples e pura. Ando muito a pé, tenho amigos estranhos, converso aqui e ali, oiço muito, e lá nos encontramos nas tabernas.

EXP. - E como se movimenta nos meios literários?

M.F. - Muito mal. É uma jogada fina. Dizes bem de mim que eu digo bem de ti, nós é que somos bons. E um mundo com muita hipocrisia. Eu não frequento os meios literários, sou muito malcriado porque digo logo o que sinto. Aliás nisso sou como o Lobo Antunes. Hoje há uma intelectualidade balofa, uma vaidade de calça de ganga: grandes parangonas nos jornais deste e daquele escritor, mas tudo é efémero, nada vai ficar - como a rosa daquele poeta francês. Veja por exemplo o Fernando Pessoa. Eu conheci o Manuel Martins da Nóbrega, que foi patrão do Fernando Pessoa. Costumava dizer às vezes, quando ia ao escritório e via a máquina de escrever em determinado lugar: «O meu Fernando esteve cá a trabalhar.» Veja esta singeleza de ter convivido com um génio e a forma simples e grande ao mesmo tempo ao dizer «o meu Fernando», é muito bonito, quase comovedor até...

EXP. - E em relação aos críticos?

M.F. - São uns senhores muito altos que não sabem do que falam, põem um adjectivo seguido de outro com um ponto de exclamação a meio, e nós não percebemos nada. O melhor é ler o livro!

EXP. - E com a política?

M.F. - A política é trágica e já não me interessa no sentido que me interessou. Mas continuo a ir ao Alentejo e a falar com os camponeses. E continuo no PCP, embora em relação ao actual momento não disponha de dados para estar aqui a falar. As circunstâncias do mundo mudaram-se e a política mudou-se. Mas devo-lhe dizer que também não é como os jornais dizem. Mas enfim, eu sou do contra na política.

Manuel da Fonseca



Com Assis Pacheco e Augusto Abelaira em Beja em 1982



Cerimónia da atribuição a Manuel da Fonseca, pelo Presidente da República Ramalho Eanes, da Comenda da Ordem Militar de Sant'Iago de Espada, em 1983. (Foto de Rui Pacheco)

Manuel da Fonseca



Manuel da Fonseca no café
(Foto do Museu do Neo-Realismo)